

Bibliotheca Publica
Rio Janeiro

Evitar o phenomeno-
espirita, desviar a atten-
ção a que elle tem direito
é desprezar a verdade.

VICTOR HUGO.

O GUIA

Todo o effeito intel-
ligente tem uma causa
intelligente.

ALLAN KARDEK.



ORGAO DO ESPIRITISMO EM PERNAMBUCO
PUBLICAÇÃO MENSAL

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Anno 48000

Toda a correspondencia deve
ser dirigida á Travessa da Ma-
dre de Deus, n. 7.

Acceita-se qualquer collabo-
ração dentro do nosso program-
ma.

O Gé

(Conclusão)

A incarnação pode ter lugar
na terra ou em outros mundos.
Entre os mundos ha uns mais
adiantados que outros, nos
quaes a existencia se passa em
condições menos penosas que na
terra, physica e moralmente; po-
rém onde não são admittidos
senão Espiritos chegados a um
gráo de perfeição, que esteja em
relação com o estado desses
mundos.

A vida nos mundos superio-
res é já uma recompensa, por-
que lá está-se insento dos ma-
les e vicissitudes de que somos
presa n'este mundo. Os corpos,
menos materiaes, quasi fluidi-
cos não são lá sujeitos nem ás
molestias e enfermidades, nem
ás mesmas necessidades. Sen-
do d'alli excluidos os máos Es-
piritos, os homens vivem em
paz, sem outro cuidado mais
que o de seu avançamento pelo
trabalho da intelligencia. Lá
reinão a verdadeira fraterni-
dade, porque não ha egoismo;
a verdadeira igualdade, porque
não ha orgulho; a verdadeira
liberdade, porque não ha desor-
dens a reprimir, nem ambicio-
sos que procurem oprimir os
fracos. Comparados com a ter-
ra são esses mundos verdadei-
ros paraísos, são as estações da
jornada no progresso, que con-
duz ao estado definitivo.

Sendo a terra um mundo in-
ferior, destinado á purificação
dos Espiritos imperfeitos, é a
razão porque n'ella predomina
o mal, até que seja da vontade
de Deus fazel-a morada de Es-
piritos mais adiantados.

E' assim que o Espirito, pro-
gredindo gradualmente á medi-
da que se desenvolve, chega ao
apogeu da felicidade; mas an-

tes de ter attingido o ponto cul-
minante da perfeição, goza de
uma felicidade sempre relativa
ao seu adiantamento. Tal o
menino que goza dos prazeres
da primeira idade, mais tarde
os da mocidade, e finalmente
os mais solidos da idade ma-
dura.

A felicidade dos Espiritos be-
maventurados não consiste na
ociosidade contemplativa, que
seria, como já muitas vezes se
tem dito, uma eterna e fastidio-
sa inutilidade. A vida espiri-
tual, em todos os degrãos, é
pelo contrario uma constante
actividade, mas actividade isen-
ta de fadigas.

A suprema facilidade consis-
te na fruição de todos os esplen-
dores da criação, que nenhuma
linguagem humana poderia tra-
duzir, que a mais fecunda ima-
ginação não poderia conceber;
no conhecimento e penetração
de todas as cousas: na ausencia
de todo soffrer physico e moral;
em uma satisfação intima, uma
serenidade d'alma que nada al-
tera; no amor puro que une to-
dos os seres em razão da ausen-
cia de qualquer attrito pelo con-
tacto dos máos; e, acima de tu-
do, na vista de Deus, e na com-
preensão de seus mysterios re-
velados aos mais dignos. Ella
consiste tambem nas funções
de que se é feliz por ser encar-
regado.

Os puros Espiritos são os Mes-
sias, ou mensageiros de Deus,
para transmissão e execução de
suas vontades; elles desempe-
nhão as grandes missões, presi-
dem á formação dos mundos e
a harmonia geral do universo,
tarefa e cargo glorioso, ao qual
se não chega senão pela perfei-
ção. Os da ordem mais eleva-
da são unicos que têm os segre-
dos de Deus, inspirando-se no
seu pensamento, de que são os
representantes directos.

As attribuições dos espiritos
são proporcionaes ao seu adian-
tamento, ás luzes que possuem, as
suas capacidades, experiencia e
gráo de confiança que inspirão
ao soberano Mestre. Ahí não
ha privilegios, nem favores, que
não sejam o premio do merito:
tudo é pesado na balança da jus-
tiça restricta. As mais impor-
tantes missões só são confiadas
áquelles, que Deus sabe que são
proprios para as cumpril-as, e
incapazes de fallir n'ellas ou
de as comprometter. Enquanto

os mais dignos compõem o con-
sêlho supremo, debaixo das
vistas de Deus, á chefes superio-
res é entregue a direção dos
turbilhões planetarios; a outros
é conferida a de mundos espe-
ciaes. Vêem depois, na ordem
do adiantamento e da subordi-
nação hierarchica, as attribui-
ções mais limitadas d'aquelles
que são propostos á marcha
dos povos, á protecção das fami-
lias e dos individuos, ao im-
pulso de cada ramo do progres-
so, ás diversas operações da
natureza até os mais intimos de-
talhes da criação. N'esse vas-
to e harmonioso todo ha occu-
pações para todas as capacida-
des, aptidões e boas vontades,
occupações acceitas com alegria,
solicitadas com ardor, porque
são um meio de adiantamento
para os Espiritos que aspirão
elevar-se.

Ao lado das grandes missões
confiadas aos Espiritos superio-
res, ha as outras de todos os
grãos de importancia, concedi-
das aos Espiritos de todas as
ordens; d'isto procede que ca-
da incarnado tem a sua, isto é,
deveres a cumprir, para o bem
de seus semellantes, desde o pai
de familia a que incumbe o cui-
dado de fazer progredir seus
filhos até ao homem de genio
que lança na sociedade novos
germens de progresso. E' n'es-
sas missões secundarias que se
encontra ás vezes descoroço-
amentos, prevaricações, abando-
nos, mas que só fazem mal ao
individuo e não ao todo.

Todas as intelligencias con-
correm, pois, para a obra geral,
qualquer que seja o gráo que
tenha attingido, e cada uma na
medida de suas forças; umas
no estado de incarnação, ou-
tras no estados de Espiritos.
Por toda parte a actividade,
desde a base até o apice da es-
cala, instruindo-se todos, coad-
juvando-se, prestando-se apoio
mutuo, dando-se as mãos para
alcançarem o cume.

Assim se estabelece a solida-
riedade entre o mundo espiri-
tual e o corporal, em outros ter-
mos, entre os Espiritos e os
homens, entre os Espiritos li-
vres e os Espiritos captivos. As-
sim perpetuão-se e consolidão-
se, pela purificação e continui-
dade das relações, as sympathyas
verdadeiras, as affeições
santas.

Por toda parte, pois, a vida

e o movimento; nenhum canto
no infinito que não seja povoa-
do; nenhuma região que não
seja incessantemente percorri-
da por innumeraveis legiões de
seres radiantes, invisiveis para
os sentidos grosseiros dos incar-
nados mas cuja vista enche de
admiração e de alegrias as ar-
mas desprendidas da materia.

Em toda parte, emfim, ha
uma felicidade relativa para to-
dos os progressos, para todos os
deverescumpridos; cada um traz
em si os elementos da sua felici-
dade, em razão da categoria
em que e colloca seu gráo de
avançamento.

A' felicidade depende das
qualidades proprias dos indivi-
duos, e não do estado material
do meio em que se achão; ella
está, pois, em toda parte em
que ha Espiritos capazes de se-
rem felizes; lugar nenhum cir-
cumscripto lhe é demarcado
no universo. Os puros Espiritos,
em qualquer lugar que estejam
podem contemplar a magestade
Divina, porque Deus está em to-
da parte.

Entretanto a felicidade não
é pessoal; si em si proprio so-
mente se a auferisse, si não se
podesse repartil-a com outros,
ella serie egoista e triste; tam-
bem ella se acha na communhão
de pensamentos que une os se-
res sympathicos. Os Espiritos
felizes, attrahidos uns para os
outros pela semelhança das
idéas, dos gostos e sentimentos,
formão vastos grupos ou fami-
lias homogeneas, em cujo seio
cada individualidade irradia
suas qualidades proprias, e sa-
tura-se dos effluvios serenos
e bemfazejos que emanão do
todo, cujos membros ora se dis-
persão para trabalhar na sua
missão, ora se reúnem em um
ponto qualquer do espaço para
communicarem-se os resultados
de seus trabalhos, ora se agru-
pão junto a um Espirito de or-
dem mais elevada para recebe-
rem seus avisos e suas instruc-
ções.

Bem que os Espiritos estejam
por toda parte, são os mundos
os centros onde se reúnem de
preferencia, em razão da ana-
logia que ha entre elles e os ha-
bitantes dos globos. Em volta
dos mundos adiantados abun-
dão Espiritos superiores, e os
inferiores pullulão em derredor
dos mundos atrazados. Cada
globo tem, pois de certa manei-

ra, sua população propria de Espiritos incarnados e desincarnados, população que se alimenta em geral pela incarnação e desincarnação dos mesmos Espiritos. Esta população é mais estavel nos mundos inferiores onde os Espiritos são mais adhesos á materia, e mais fluctuante nos mundos superiores. Mas d'esses mundos, focos de luz e felicidade, Espiritos se destacão para mundos inferiores, afin de ali semear os germens do progresso, levar para ali a consolação e a esperança, erguer as coragens abatidas pelas provações da vida, e as vezes incarnão-se n'esses mundos para com mais efficacia cumprirem sua missão.

Onde, pois, está o céo n'essa immensidade sem limites? Está em toda parte; nenhum cerco lhe serve de limites; os mundos felizes são as ultimas estações que conduzem a elle; as virtudes abrem o seu caminho e os vícios vedão o accesso a elle.

A par d'este quadro grandioso, que povoa todos os cantos do universo, que dá á todos os objectos da criação um fim e uma razão de sêr, quanto é pequena e mesquinha a doutrina que circumscreve a humanidade sobre um imperceptivel ponto de espaço, que nol-a apresenta, começando em um instante dado, para acabar igualmente um dia com o mundo que a conduz, não abraçando assim mais que um minuto na eternidade! Quanto é ella triste, pia e glacial, quando nos mostra o rosto do universo, antes, durante e depois da humanidade terrestre, sem vida, sem movimento, como um immenso deserto submerso no silencio! Como é desesperadora, pela pintura que faz do pequeno numero dos escolhidos votados a contemtação perpetua, ao mesmo tempo que a maioria das creaturas é condemnada á soffrimentos sem fim!

Como ella fere de dor os corações amantes, pela barreira que põe entre os mortos e os vivos! As almas felizes, diz essa doutrina, não pensão senão na sua felicidade; as desgraçadas, na sua dôr. Que admira então que o egoismo reine na terra, quando nol-o mostra no céo! Quanto é então mesquinha a idéa, que ella dá da grandeza, do poder e da bondade de Deus!

Quanto é sublime, pelo contrario, o que d'Elle nos dá o Espiritismo! Quanto sua doutrina engrandecerão as idéas e amplia o pensamento!

Mas quem diz que ella é verdadeira? A razão primeiro, depois a revelação, depois ainda sua concordancia com o progresso da sciencia. Entre duas doutrinas, das quaes uma ames-

quinha e a outra engrandece os attributos de Deus; das quaes uma está em desacordo e a outra em harmonia com o progresso; das quaes uma deixa-se ficar na retaguarda e a outra marcha ávante, o bom senso diz de que lado está a verdade. Em presença das duas, cada um interroga suas aspirações, em seu fóro interior, e uma voz intima lhe responderá. As aspirações são a voz de Deus, que não pode enganar os homens.

Mas então porque Deus não lhe revelou, desde o principio, toda a verdade? Pela mesma razão pela qual não se ensina á infancia o que se ensina á idade madura. A revelação limitada era sufficiente durante certo periodo da humanidade: Deus o proporeciona ás forças do Espirito. Aquelles que recebem hoje uma revelação mais completa são os mesmos Espiritos que já receberam uma igual em outros tempos, mas que desde então engranlerão em intelligencia.

Antes de ter, a sciencia revelada aos homens as forças vivas da natureza, a constituição dos astros, o verdadeiro papel da terra e sua formação, terião elles comprehendido a immensidade do espaço, a pluralidade dos mundos? Antes de ter a geographia provado a formação da terra, terião os homens podido desalojar o inferno do seio d'ella e comprehender o sentido allegorico dos seis dias da criação?

Antes de ter a astronomia descoberto as leis que regem o universo, poderião os homens comprehender que não ha nem alto, nem baixo no espaço, que o céo não está em cima das nuvens, nem limitado pelas estrellas?

Terião podido identificar-se com a vida espiritual antes dos progressos da sciencia psychologica? conceber depois da morte, uma vida feliz ou infeliz, de outra maneira a não ser em um lugar circumscripto e debaixo de uma forma material? Não comprehendendo mais pelos sentidos do que pelo pensamento, o universo era muito vasto para o seu cerebro; preciso era reduzi-lo á proporções menos extensas para pô-lo no seu ponto de vista, ficando salvo estendel-o mais tarde. Uma revelação parcial tinha sua utilidade: era sabia então; é insufficiente hoje. A sem razão está da parte d'aquelles que, não attendendo ao progresso das idéas, julgão poder governar homens maduros com as andadeiras da infancia.

A. K.

FRAGMENTOS

O' crentes, como vós, no intimo do peito
Abrigo a mesma crença e guardo o mesmo ideal.
O horisonte é infinito e o olhar humano é estreito:
Creio que Deus é eterno e que a alma é immortal.

To-la a alma é clarão e todo corpo é lama.
Quando a lama apodrece ainda o clarão scintilla:
Tirae o corpo—e fica uma lingua de chamma.
Tirae a alma—e resta um fragmento d'argila.

E para onde vae esse clarão? Mystério...
Não sei... Mas sei que sempre ha-de arder e brilhar.
Quer tivesse incendiado o cranio de Tiberio,
Quer tivesse aureolado a fronte de Joanna d'Arc.

Sim, creio que depois do derradeiro somno
Ha-de haver uma treva e ha-de haver uma luz
Para o vicio que morre ovante sobre um throno,
Para o santo que expira inerte numa cruz.

Tenho uma crença firme, uma crença robusta
Num Deus que hade guardar por sua propria mão
Numa julva de ferro a alma de Locusta
Num relicario doiro a alma de Platão.

Mas tambem acredito, embora isso vos peze,
E me julgais talvez o nuitor dos atheus,
Que no universo inteiro ha uma só diocese
E uma só cathedral com um só bispo—Deus.

E muito embora a vossa igreja contriste
E a excommunhão papal nos abraze e destrúa,
A analyse é feroz como uma lança em riste
E na verdade cruel como uma espada núa.

E um dia a humanidade inteira, oceano em calma,
Ha-de fazer, na mesma aspiração reunida,
Da razão e da fé os dois olhos da alma,
Da verdade e da crença os dois polos da vida.

A crença é como o luar que nas trevas fluctúa;
A razão é do céo o esplendido farol.
Para a noite da morte é que Deus nos deu a lua
Para o dia da vida é que Deus fez o sol.

GUERRA JUNQUEIRO.

Responderão os paes pelos filhos e os filhos pelos paes?

Parece incrível que ao terminar do seculo decimo nono, que espantou o mundo com o desassombro com que devassou os segredos da natureza, no meio de tanta luz, appareça ainda na tela da discussão uma questão dessa ordem, em que se presta ao Creator, á fonte de todo amor, de toda sciencia, e de toda a justiça, um juizo que o homem repelle, com repugnancia de si.

Por uma erronea interpretação dos ensinamentos recebidos do alto por Moysés, teve curso entre Hebreus a doutrina de que Deus punia a iniquidade dos paes nos filhos até a terceira e á quarta geração, e recompensava até a milésima geração áquelles que cumpriam seus preceitos.

Essa interpretação, tão injusta aos olhos da moral, teve sua razão de ser naquelle tempo de tanto atrazo intellectual e moral, como um freio capaz de conter o desregramento das paixões humanas, inspirando aos homens o temor de concorrerem para o soffrimento de seus filhos.

Se o povo hebreu não fosse um dos povos mais ignorantes da antiguidade, se não antipathizasse tanto com as especulações philosophicas, caracter predominante da raça semitica, na sua propria historia elle descobriria a falsidade dessa doutrina. Elle veria por exemplo, na segunda geração de Abrahão, esse homem tão crente e por suas virtudes tão benquisto da Divindade, apparecer Esaú que abandona o Deus de seus paes para ir viver entregue a idolatria no deserto; veria Ozi, bisneto de Aarão ser expul-

so do pontificado por seu primo Heli que, a seu turno, e tambem castigado por suas faltas; veria o neto do grande David perder grande parte dos dominios de seus paes; veria que do impio Achaz nasceu Ezechias e do idolatra Amon Josias, os dous mais justos e crentes soberanos de Judá.

Moysés tambem disse, inspirado, no Exoto e no Deuteronomio, que os filhos, não pagavam pelos paes nem os paes pelos filhos, mas que cada um só respondia pelo seu peccado.

Nunca os Hebreus procuraram harmonizar esses dois ensinamentos contradictorios; o que não nos deve, comtudo, causar tanta admiração, quando vemos ainda hoje as seitas sahidas do Christianismo acariiciarem aquella doutrina como um dogma.

Jesus, referindo-se ao cégo de nascença, nem discute, por absurda, a hypothese de estar elle pagando as faltas de seus paes.

A voz divina diz, por seus mensageiros, aos prophetas Jeremias e Ezequiel: "Eu não sei em que se fundaram para ficar admittido como um proverbio em Israel, que os filhos pagam pelos paes e os paes pelos filhos. *De ora em diante não será mais assim*, e ficará como proverbio em Israel que cada um só responderá por si; que o filho virtuoso de um pae culpado não soffrerá pelos peccados deste, nem o filho culpado de um pae virtuoso se aproveitará dos favores por este merecidos." Eis ali um ensino inteiramente conforme com os dictames da razão esclarecida com os progressos da sciencia, inteiramente conforme com a idéa que fazemos da justiça divina.

Pois bem essa idéa tão santa e tão justa conta ainda adversarios em nossos dias. Seguidamente temos lido nos nossos periodicos que o Papa tem concedido a benção apostolica, a graça divina, que elle acredita ser uma cousa sua e da qual elle póde á vontade dispor, a este ou a aquelle individuo até á sua terceira e quarta geração; gerações que, na maioria dos casos, estão por nascer.

Saberá elle já quaes serão as inclinações desses nascituros, para assim ir deste já cumulando-os de favores, e como parecendo querer forçar a Divindade a sancionar esses disparates?

Que juizo forma o clero romano da justiça divina? Que juizo forma elle do bom senso do homem e das sociedades de hoje? Acreditará, por ventura que o facto de não se haver elevado um só protesto contra essa aberração do juizo humano, contra essa flagrante infracção do preceito divino, seja uma pro-

va da acquiescencia do mundo? E' um engano. Ali existe apenas uma demonstração da nenhuma importancia que se liga hoje as prescripções da egreja romana.

A descrença lavra no seio da sociedade, porque os encarregados de transmittir-nos os ensinamentos do Christo continuam apogados ás intepretações que lhes deu o passado, em vez de accommodal-os aos progressos da sciencia moderna. Como hade o mundo respeitá-la, quando ella dá o exemplo do desrespeito á vontade divina?

A voz divina disse pelo orgão dos prophetas Jeremias e Ezequiel: "Não será mais assim" E o papa responde: "Hade ser."

(Verdade e Luz)

FREQ.

RELIGIÃO

O laço supremo—O atheismo se explica—A religião independente

I

Nas tradições de todos os povos, no momento em que principia a civilização, encontra-se uma religião que é a base d'ella. D'esta religião precede uma moral, encarnada nos costumes e escripta nas leis.

Uma crença commum, eis aqui o laço poderoso que tem constituido e mantido as sociedades humanas.

Este laço é tão forte que, em quanto persiste a fé, ainda quando já não existe o pacto social, quando a patria jaz destruida, os troços disseminados de um povo depois de seculos de separação, palpitão todavia com a mesma vida.

Uma forma social demonstra de tal maneira a expressão da concepção religiosa que a produziu, que se pode reconstruir uma civilização extinta, com o texto dos seus dogmas e os artigos de sua fé.

Moral, sociedade, religião!—No passado da humanidade são inseparaveis estes tres termos, elles o são todavia hoje.

O movimento moderno é absolutamente christão. Inutil é renegarmos a nossa origem; homens da Europa actual datamos d'esta grande palavra: — Sois todos irmãos!

Em vão annunciou Jesus que não vinha destruir as antigas leis; a sua palavra, incubada pelos seculos, tem minado lentamente o edificio pagão e barbaro, em cujo cimo o falso christianismo da theocracia havia plantado a sua cruz.

A obra theocratica tem naufragado; a obra do Christo vai proseguindo triumphante. As nossas aspirações, os nossos tentamens, os nossos esforços, são os fructos d'esta semente que

tem germinado durante mil e novecentos annos, debaixo da miseria infecta do velho mundo.

O porvir não se ha de enganar.

A historia que domina as edades e abraça com um volver d'olhos a gran le linha das idéas, ligará o seculo em que se realisa a igualdade social ao seculo que houver proclamado a igualdade le religiosa.

Porque repudiar esta grande paternidade? A nossa razão mais firme pede lições viris e noções mais precisas; mas devemos por isso desdenhar a voz que os simples ensinamentos do coração nos deram?

II

Ha escusas para esta ingratição. O triste uso que se tem feito da palavra religião, desde a origem da historia, tem descreditado de tal maneira esta palavra que hoje quasi se necessita de valor para pronuncial-a.

A singular maneira com que foram confan lidas, em todos os tempos, as relações de Deus com o homem e do homem com Deus, dão uma apparencia de razão ás doutrinas que regeitam a personalidade divina, em nome da liberdade humana.

A ambição constante e fatal dos corpos sacerdotaes, explorando o prestigio religioso para dominar os povos, a obstinação dos ministros de todos os cultos em manter a lettra das velhas crenças, quando os progressos da razão, realizados apesar dos seus esforços, pedem a simplificação dos dogmas e a emancipação das formulas; os abusos e excessos de todo o genero de que os diversos symbolos foram o pretexto... ou a causa, explicam, infelizmente e, até certo ponto, justificam a reacção anti-religiosa que se tem pro luzido desde ha um seculo e que continua mais ardente do que nunca.

Outras causas recentes tem contribuido para fazer vacillar as almas. Demonstram lo os erros das antigas cosmogonias, geologos, archeologos, historiadores vieram em socorro da critica burlesca e acerba do seculo XVIII, sustentada pela analyse seria e pelos profundos trabalhos dos livre-pensadores dos nossos dias.

As sciencias naturaes, detidas, no principio das suas investigações pela lettra das revelações, passaram adiante, deixando a revelação entre as fabulas e collocando Deus na ordem das hypotheses.

Apoiados n'estes poderosos auxiliares, que declaram magistralmente não haver encontrado o Ser Supremo ao alcance das suas lunetas, nem o menor vestigio de uma alma immortal debaixo da ponta do seu escapello, as doutrinas negativas tinham todas as vantagens contra as affirmações na theologia.

Ao mesmo tempo, os descobrimentos modernos, as potencias physicas e intellectuaes adquiridas dia a dia, exaltaram o orgulho humano e os sabios persuadiram-se de que tem nos seus crises to los os mysterios da vida.

O trabalho quasi exclusivamente material da humanidade presente, que conquista añaal natureza, e cria com forças novas os seus grandes orgãos de produção e de circulação, afastaram o espirito das calumnias do pensamento.

A accrescentação das riquezas materializou ainda mais a alma multiplicando os gozos e desenvolvendo as necessidades.

Sabe-se o que tem sucedido: — Para evitar a extravagancia das superstições, cahiu-se na extravagancia do atheismo.

Collocou-se o espirito humano entre duas loucuras igualmente perigosas, dizendo-lhe: — Escolhe!

Uns tiveram medo do vacuo e lançaram-se para traz, afigurando-se que para erer, bastava lhes amordagar a sua razão e não pensar. Outros, felizes de encontrar theorias que forneciam argumentos á sua secura de coração ou aos seus vicios, oppuzeram as doutrinas da negação aos importunos conselhos do dever.

Alguns buscam, nas praticas do espiritismo, um refugio contra o vacuo e uma fé que fale á razão e ao coração.

O maior numero vaga á aventura, sem mais guia do que um sentimento incerto e uma consciencia mal illuminada, desprendidos do passado e não vendo claro no futuro.

III

Para por um pouco de ordem no chãos moral produzido pela dissolução religiosa, trata-se de salvar do naufragio das idéas e da derrota das consciencias, alguns principios que podem reunir os principios dispersos e estabelecer um laço, independente de toda a crença.

Ainda aquelles mesmos que creem que tudo termina e a a forma; que a vida não tem outra solução que não a morte; que a consciencia vem do nada e para elle volta, se põem a caminho para buscar a moral commum, tal é a carencia de unidade que trabalha as almas.

Nós cremos tambem que é necessario estabelecer, fóra das doutrinas particulares e das seitas hostis, a base de uma moral racional; esta, porém, não pode ser sinão uma idéa religiosa, quer se tome na consciencia do passado, quer na consciencia do presente.

O que é necessario buscar não é a moral independente; é a religião independente.

IV

Por cima dos dogmas offi-

ciaes, dos cultos estabelecidos, das egrejas reconhecidas, destacam-se duas grandes ideias que são o fundo commum da intuição e da consciencia: — Existencia de um Sêr Supremo, principio e ordenador da vida. — Perpetuidade da consciencia individual com a sanção moral que resulta della!

Fôra do primeiro d'estes principios não ha religião; fôra do segundo não ha senão uma moral sem calor e sem seiva.

Simples, como tudo que é verdadeiro e grande, ao mesmo tempo elementares e profundas, accessiveis ás mais fracas intelligencias e bastando aos espiritos mais desenvolvidos, estas duas verdades fundamentaes da vida se affirmam por si mesmas.

São como a lei da alma; mas este raio divino encontra ás vezes cegos que não pôdem comprehendel-o, e loucos que fecham os olhos para não vel-o.

E' esta luz que é necessario desprender da confusão das crenças, e volver a collocar no seu logar, isto é, no cume.

V

Como se operará esta restauração dos grandes principios do pensamento!

Irá surgir um novo Gallileu de uma villa ignorada para voltar a pôr a humanidade no caminho da salvação? Que poderia dizer-nos um dovo Messias de mais bello, mais grandioso e mais divino do que estas palavras: « Deus é o pac commum e vós sois todos irmãos: amai-vos uns aos outros? »

A revelação do sentimento está terminada. O homem ouviu a ultima palavra do amor supremo; agora lhe toca pôr em pratica os ensinamentos que recebeu.

O espirito, que deve completar a obra do passado, é o mesmo espirito humano, expressado por seus pensadores, seus sabios e seus poetas, que buscam cada um na sua esphera a realisação da harmonia universal, a realisação da unidade.

Diversos já começaram a tarefa e morreram na brecha; mas o grão semeado não se perdeu. Uma vez que a humanidade colha a espiga, que importa que o trabalhador extenuando caia, ao cabo do sulco, antes que a colheita esteja na lura?

Eugenio Nus.

(Revista Esperista.)

O QUE É O ESPIRITISMO

POR

Allan Kardec
PRIMEIRA PARTE

2.º Dialogo

O SCEPTICO

(Continuação)

FALSAS EXPLICAÇÕES DOS
PHENOMENOS

Nisso, como em todas as cousas, são sempre perigosos os juí-

zos precipitados, porque elles podem ser desmentidos pelos factos que ainda se não observou.

OS INCREDULOS NÃO PODEM VER
PARA SE CONVENCER

V. — São factos positivos que os incredulos desejam ver, que elles pedem, e que, na maioria das vezes, não se lhes pode fornecer.

Se todos testemunhassem esses factos, a duvida não mais seria permittida.

Como é que tanta gente, apesar de sua boa vontade, nada tem conseguido ver?

Apresentam-lhes, dizem elles, como motivo sua falta de fé; mas elles respondem a isso, e com razão, que não podem ter uma fé antecipada, e que lhes devem dar os meios, para que elles possam crer.

A. K. — E' simples a razão disso. Elles querem que os factos obedeçam á sua ordem; é preciso esperar sua boa vontade.

Não basta dizer: Mostrai-me tal facto e eu creerei; é necessario ter-se a vontade de perseverar, deixar que os factos se produzam espontaneamente, sem preterder-se forçal-os ou dirigil-os; aquelle que mais de jaes será, talvez, precisamente o que não obtereis; virão, porém, outros e o que quereis se apresentará quando menos o esperardes.

Aos olhos do observador attento e assiduo surgem elles innumeraveis, se corroborando uns aos outros; mas aquelle que acredita, que basta tocar uma manivella para fazer que a machina ande, engana-se estranhamente.

Que faz o naturalista que estuda os habitos de um animal?

Mandal-o á elle fazer tal ou tal cousa, para poder observalo á sua vontade? Não; porque elle bem sabe que assim nada obterá; mas elle espia as manifestações espontaneas do instincto do animal; espera-as e as colhe na passagem.

O simples bom senso mostra que, com mais forte razão, deve-se proceder do mesmo modo como os Espiritos, que são intelligencias muito mais independentes que a dos animacs.

E' um erro crer que se exija do que quer estudar uma fé antecipada; o que se quer é boa fé, que é cousa diversa; ora ha scepticos que negam até a evidencia, e a quem prodigios mesmo não convenceriam.

Quantos delles, depois de haver visto não persistem ainda em explicar os factos a seu modo, dizendo que o que viram, nada prova?

Essas pessoas só servem para trazer a perturbação ao seio das reuniões, sem que ellas mesmas lucrem alguma cousa; é por isso que as não accitamos, por

não quereremos com ellas perder o nosse tempo.

Muitos até ficariam incomodados, se se vissem forçados a crêr, para não ferir o seu amor proprio com a confissão de se haver enganado.

Que se pôde responder a quem vê por toda parte senão illusão e charlatanismo?

Nada; é melhor deixal-os tranquilos e dizer, tanto quanto quizeram que nada viram, e, mesmo, que nada poderam ou quizeram lhes fazer ver.

Ao lado desses scepticos endurecidos estão aquelles que querem ver ao seu modo, que, tendo formado uma opinião, pretendem por ella explicar tudo; estes não comprehendem que os phencmenos possam se dar contrariamente ao seu desejo; elles não sabem ou não querem se collocar nas condições precisas para obtel-os.

Quem de boa fé deseja observar deve, não digo crer sobre palavra, mas abandonar toda idéa preconcebida, e não buscar assimillar cousas incompativeis; cumpre-lhe aguardar, seguir, observar com uma paciencia infatigavel; esta condição é tambem em favor dos que se tornam adptos, pois que ella prova que a sua convicção não foi formada levianamente.

Dispondes vós de uma tal paciencia?

Não, dizeis vós, porque me falta o tempo.

Então não vos occupai, não fallai mais disso, quando ninguém a tal vos obriga.

BOM OU MAO QUERER DOS ESPIRITOS PARA CONVENCER

V. — Quando os Espiritos devem ter a peito fazer proselytos, porque não se prestam mais aos meios de convencer certas pessoas, cuja opinião tem grande influencia?

A. K. — E' por elles não julgarem dever, n'aquelle momento, fornecer provas ás pessoas a quem elles não ligam a importancia, que ellas pretendem ter.

E' pouco lisongeiro, convenho, mas nós não temos o direito de impôr a elles a nossa opinião; os Espiritos têm uma maneira de julgar as cousas que, nem sempre, se coaduna com a nossa; elles vêm, pensam e obram segundo outros elementos; ao passo que a nossa vista é circumscripta pela materia, limitada pela estreiteza do circulo em que vivemos, elles abraçam o todo; o tempo que nos parece tão longo, é para elles um instante, a distancia um simples passo, e certos detalhes, para nós de importancia extrema, são futilidades a seus olhos; por contraposição, elles ligam ás vezes, importancia a cousas cujo verdadeiro alcance nos escapa.

Para comprehendel-os é preciso elevarmo-nos pelo pensa-

mento acima do nosso horizonte material e moral, collocarmos em seu ponto de vista: que não são elles que devem descer a pôr-se de nivel commosco, mas nós subir até elles é o que nos ensinam o estudo e a observação.

Os Espiritos gostam dos observadores assiduos e conscienciosos; para estes elles multiplicam as fontes de luz; o que os afugenta não é a duvida que nasce da ignorancia, é a fatuidade desses pretendidos observadores que nada observam, que desejam colloca-los no banco dos réos e fazel-os moverem-se como titeres; é o sentimento de hostilizar e denegrir que, sobretudo, os domina, sentimento que existe em seus pensamentos, embora elles o não mostrem em suas palavras.

Por sua causa os Espiritos nada fazem, pouco se importando com o que possam dizer ou pensar, porque o seu dia tambem chegará.

Por isso vos disse que não é a fé antecipada que pedimos, mas sim a boa fé.

ORIGEM DAS IDÉAS SPIRITAS MODERNAS

V. — Uma cousa que eu desejava saber, senhor, é o ponto de partida das idéas spiritas modernas; serão ellas filhas de uma revelação espontanea dos Espiritos ou o resultado de uma crença previa na existencia delles?

Vós comprehendeis a importancia de minha questão; porque, n'este ultimo caso é admissivel que a imaginação possa n'isso ter desempenhado um papel.

A. K. — Como o dissestes, senhor, esta questão tem importancia, no ponto de vista que considerais, ainda que seja difficil acreditar-se, suppondo que essas idéas tenham nascido de uma crença antecipada, que a imaginação tenha podido produzir todos os resultados materiaes observados.

Com effeito, se o Spiritismo fosse fundado no pensamento preconcebido da existencia dos Espiritos, se poderia, com alguma apparencia de razão, duvidar de sua realidade; porque se o principio fôr uma chimera, as consequencias delle emanadas tambem o são; mas as cousas não se passaram assim.

Notai, em primeiro lugar, que essa marcha seria totalmente illogica; os Espiritos são uma cousa e não um effeito; quando se vê um effeito pôde-se procurar-lhe a causa, mas não é natural imaginar-se uma causa antes de lhe ter visto os effeitos.

(Continua.)

Atelier Miranda